

REFLEXÕES SOBRE ASPECTOS IDENTITÁRIOS: *LES-CORDES-DE-BOIS*, DE ANTONINE MAILLET, E OS ACADIANOS

Nelson Luís Ramos (UNESP/SJRP)
nramos@ibilce.unesp.br

A Acádia

A Acádia foi fundada em 1604 na ilha Sainte-Croix, hoje situada no estado americano do Maine, mas foi deslocada em 1605 para Port-Royal às margens da baía de Fundy, na atual província canadense da Nova Escócia. Sua população é originária majoritariamente do oeste da França. Em 1713, depois de mais de um século de conflitos, o Reino Unido toma posse da Acádia. Os Britânicos, durante o “Grand Dérangement” (ou a Grande Dispersão), deportam os Acadianos entre 1755 e 1763 para a Nova Inglaterra, o Canadá, a Inglaterra, Saint-Pierre-et-Miquelon e a França. Após o Tratado de Paris de 1763, os Acadianos se deslocam em direção às Antilhas, a Luisiana, a França e o Quebec, mas principalmente para a Nova Escócia e o território que se tornará a província canadense do Novo Brunswick em 1784. Depois do “Grand Dérangement” o que se vê é o desaparecimento da Acádia histórica, dando lugar à Acádia contemporânea.

Os sobreviventes podem repovoar uma parte de suas antigas terras, enquanto outros fundam as comunidades da diáspora acadiana. Um século mais tarde, os Acadianos redescobrem sua cultura e se integram na Confederação Acadiana. A partir de 1881, os Acadianos criam símbolos e instituições, envolvendo-se cada vez mais na política e desenvolvendo sua economia. Grupo francófono minoritário no Canadá, tantos anos depois a Acádia ainda tem de encarar muitos desafios políticos e econômicos, mas permanece mais do que nunca aberta ao mundo.

Nos romances de Antonine Maillet – nascida em Bouctouche, província do Novo-Brunswick, em 10 de maio de 1929, ano da Grande Depressão – vê-se a (re)construção da identidade dos Acadianos, que a autora vai buscar nas fontes históricas, por meio dos seus costumes e tradições, sua religião e sua língua.

1. Literatura acadiana e Antonine Maillet

A literatura acadiana (uma das várias que compõem o leque das literaturas canadenses de língua francesa) tem em Antonine Maillet sua maior expressão, tanto pelo renome como pela qualidade de sua obra literária. Em boa parte das obras de Maillet, transparecem explicitamente personagens, lugares, costumes, falares que deixam evidenciada a identificação dessa minoria linguística pertencente ao francês que faz parte do Canadá. Sua obra transcendeu as origens e a autora se tornou uma celebridade dentro da Francofonia – como também no Canadá e mesmo mundo afora –, acabando por ter seu nome associado à própria representação da Acádia. Dentre seus romances em que a Acádia mais se destaca, *La Sagouine* e *Pélagie-la-Charrette* são os mais conhecidos, mas para o presente trabalho selecionamos *Les Cordes-de-bois* (1977), como nos dois anteriores também habitado por mulheres fortes, corajosas e inventivas.

Os acadianos têm uma marca específica de sua identidade: é a língua francesa, herança dos antepassados que iniciaram a colonização do Canadá. Ao idioma francês acrescenta-se a religião católica e temos já marcadamente um grupo cultural bastante identificado dentro do contexto das minorias canadenses. Há outros agrupamentos francófonos, como é o caso dos quebequenses, majoritários na província na qual vivem, e também outros, como os franco-ontarianos e os franco-manitobanos. Os quebequenses já se desligaram da religião há várias décadas, mas a língua foi fortalecida, tornando-se elemento maior da identidade da Bela Província.¹ Os acadianos, por sua vez

¹ Segundo Todorov, “neste ponto, o caso do Québec é, igualmente, revelador: enquanto a identidade quebequense se constituiu em relação com a população anglófona do Canadá, seu traço dominante foi a língua francesa. A política daí resultante, neste país de imigração, facilitou a chegada de grupos oriundos das antigas colônias francesas na África do Norte e na África Negra. Por conseguinte, o equilíbrio entre recém-chegados e autóctones foi modificado e estes tornaram-se conscientes de outro elemento de sua identidade, assim como da necessidade de colocá-lo em evidência, a saber: a religião. Os quebequenses católicos ou ateus não se reconhecem nos fiéis muçulmanos que se tornaram seus

– que em sua maioria vivem na província do Novo-Brunswick, mas também, em menor número, nas outras províncias atlânticas, como a Nova Escócia e a Ilha do Príncipe Eduardo, e ainda na Louisiana (Estados Unidos) –, se identificaram fortemente pela língua e pela religião, sendo que os símbolos próprios deles são marcadamente ligados ao catolicismo: a data nacional é o dia da Assunção da Virgem Maria, 15 de agosto, Festa Nacional dos Acadianos; a bandeira tricolor (azul, branco e vermelho) é a bandeira nacional dos acadianos franceses, a parte azul contendo uma estrela dourada, figura de Maria, cor simbólica das pessoas consagradas à Santa Virgem; o canto nacional é o *Ave Maris Stella*, saudação da igreja a Maria, padroeira dos acadianos.

Como se percebe, os acadianos tornaram-se, portanto, um dos povos constituintes do atual Canadá: de língua francesa, bastante ligados à religião católica e tendo bastante presente em suas vidas o mar e a pesca em decorrência da localização em que se encontram. São pessoas de origem francesa que iniciaram uma nova vida sob o comando do reino francês e que depois, com a derrota da França para a Inglaterra e a consequente perda do território para o inimigo, tornaram-se reféns de novos senhores. De acordo com o historiador Marc Ferro (p.88):

O que aumentou o ressentimento dos franceses foi a medida tomada pelo governador Lawrence que, após a conquista da Acádia, procedeu ao “Grand Dérangement”, ou seja, à deportação e à dispersão dos acadianos, sendo 7 mil deles (em 10 mil) despachados para a Nova Inglaterra e para as outras colônias inglesas da América.

Hostis, os franceses – agora denominados “Acadianos” – não aceitaram facilmente essa nova situação (diferente dos “futuros” Quebequenses) e acabaram sendo deportados em sua maioria. Voltaram mais tarde, retomaram novos espaços, fundaram novamente a Acádia.

Assim, nesse contexto, o texto de Maillet é exclusivamente em francês, reforçando essa identidade francófona da Acádia. Não há expressões anglófonas em seu texto, como não se fala em momento algum em situação comparativa com os falantes de inglês. Nesses textos, parece que o problema do francês no contexto majoritário anglófono das Províncias que contêm populações acadianas não existe (embora Ferro afirme que “essa situação conjugava as dificuldades encontradas no Canadá – a presença de ‘estrangeiros’, os franceses –, (...)” (p.258), referindo-se aos problemas enfrentados pelos ingleses em seu Império colonial, neste caso, na América do Norte).

Dessa forma, o universo do francês aparece fechado. O narrador escreve em francês standard e suas personagens expressam-se numa espécie de francês acadiano (como proposto pela autora), que encanta por seu frescor e seu tom pitoresco. De fato, as referências aos conquistadores ingleses são bem poucas, como podemos ver nesse trecho de *Les Cordes-de-Bois*: “D’ailleurs, pour ce qu’il reste de montagnes le long des côtes depuis que les Anglais ont tout pris” (p.16).

Ora, por não dispor de um espaço geográfico único, com fronteiras geopoliticamente delimitadas, o povo acadiano precisa inscrever a sua memória coletiva na diversidade espacial e no contato com outras culturas. É bastante interessante notar que, ao contrário do Quebec, que tem um território definido, os acadianos fixam os limites de seu território de certa forma *imaginária*, já que se trata de um agrupamento de regiões, maiores ou menores, delimitação que pode ser observada em vários romances de Antonine Maillet.

Reforçando essa última observação, podemos acrescentar a definição de *comunidades imaginadas* proposta por Benedict Anderson quando este trata da definição de *nação*, que tão bem se aplica à realidade acadiana. Em uma definição antropológica, uma *nação* é uma comunidade política “*imaginada* porque mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão, ou sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles” (p.32). Para ele, “qualquer comunidade maior que a aldeia primordial do contato face a face (e talvez mesmo ela) é imaginada” (p.33). No caso da

concidadãos; portanto, eles constroem diferentemente sua identidade.” (P.74.)

Acádia, para ser plenamente uma nação, o que lhe falta é a soberania.

2. *Les Cordes-de-Bois*

Publicado em 1977, em *Les Cordes-de-Bois* a escritora reconstrói, por meio do discurso narrativo que ela maneja com habilidade, um território sem localização precisa – ainda que possamos reconhecer nele um vilarejo das costas acadianas.

Já no início, Antonine nos situa nessa Acádia: “C’est si petit, le pays” (MAILLET, 1994, p.15).² Ela fala da instabilidade das fronteiras: “Et ça vous change drôlement la topographie” (p.15). País voltado para o mar, o risco de sempre acolher estrangeiros a partir de suas águas é bastante grande: “Nous sommes tous, au pays, à deux doigts d’un mercenaire, d’un pirate, d’un matelot étranger, échoué sur nos côtes un dimanche matin, entre la mer qui gagne et la mer qui perd” (p.15). O espaço do vilarejo aparece nitidamente (não tão pequeno como se poderia imaginar): “Un très beau village, doté au départ d’une baie, de petites et de grandes rivières, de ruisseaux, pointes, dunes, lacs, buttes, quelques phares et un pont” (p.17).

E ela ainda nos oferece outras precisões sobre este vilarejo constituído pelo espaço das Cordes-de-Bois (“une butte” ou “terre d’Amazones”, de acordo com a narradora), apoiando-se na existência de outros vilarejos para melhor situar este último:

Avant les Cordes-de-Bois : le pays s’appelait la butte, le bois ou plus couramment le haut du champ (p.20).

« du village le plus respectable et le plus ancien des côtes » (p.51).

« Deux quais dans un village qui avait vu le jour après Cocagne et Memramcook ! » (p.66).

La Barre-de-Cocagne (un autre village)

Les gens d’Acadieville, de la Pirogue et de Saint-Norbert (p.69).

« les terres de la butte à Tim » (p.71).

Nesse vilarejo denominado *Cordes-de-Bois*, há uma nítida divisão entre grupos praticamente rivais (p. 15 e 16). A tensão existe ao longo de toda a narrativa: uma disputa, com posições bem definidas, entre o grupo que resiste, representado pelos *Cordes-de-Bois* (não muito preocupados com religião), os católicos representados por Ma-Tante-la-Veuve e seus fiéis, e por fim os estrangeiros colonizadores, representados pelos MacFarlane. Assim se vai construindo essa Acádia quase imaginária... Mas se voltarmos no passado, descobriremos que todos têm um ancestral comum, que quatro gerações não conseguiram apagar, embora todos façam questão de esquecer essa ligação (p.17).

Com relação às personagens, reforçando essa divisão, temos inicialmente um primeiro grupo, constituído pelos habitantes das Cordes-de-Bois propriamente falando:

Un premier Mercenaire, et les Mercenaires furent les seigneurs incontestés des Cordes-de-Bois (p.21). Père d’une pleine maisonnée de filles (les tantes de la Piroune), mais d’un seul garçon, qui hérita du logis, de deux-trois bâtiments et de la bouchure.

La fille de Barbe et de Casimir, mère de la Piroune, épouse du premier Mercenaire
Le deuxième Mercenaire, le maître en charivari

Zélica Mercenaire, l’aînée des Mercenaire (mère de 3 ou 4 paires de jumeaux),
veuve

Patience Mercenaire, tante de la Piroune (les lettres anonymes, des dessins, des caricatures)

Barbe-la-Jeune, tante aussi

² Todas as citações, a partir daqui, com indicação apenas de páginas, pertencem ao romance estudado, *Les Cordes-de-Bois*.

La Piroune

La Bessoune, sa fille, de la quatrième génération des Mercenaire (« La Bessoune a perdu son besson au barceau », p.62).

Aos Mercenaire vão se juntar, ao longo da narrativa, outras personagens excluídas do grupo majoritário (constituído pelo Pont):

« Ça préférait le repère des Cordes-de-Bois, nid de vautours et de corbeaux, ramassis de toute la racaille des côtes ! » (p.101).

« Petit à petit la butte se mit en effet à ramasser la racaille, la canaille, les restants du pays. Après Peigne et Tit-Louis vinrent les bessons à Ferdinand – encore des jumeaux ! – puis Pissevite, Catoune, Caillou-Crushstone qui était bilingue, puis la famille complète des Viens-que-je-t’arrache » (p.101).

O segundo grupo seria constituído pelos habitantes do Pont (também chamado “o continente”), muito mais numeroso (para algumas dessas personagens, encontramos muito mais informações, de acordo com o papel de cada uma nos acontecimentos; nossa lista não é exaustiva):

Le grand-père Guillaume

Les filles du barbier

La femme du barbier

Le forgeron, fils de Jérôme à Tilmon à Mélas à Jude

La forge

Mélème

Arthur

Le vieux Médéric

Thaddée à Louis à Mélème (« les Louis à Mélème sont des gens de la Pointe, la Pointe à Jérôme », p. 68)

Les Belliveau (nés dans l’anse)

Les Pothier (nés au ruisseau)

Le Tit-Pet (le favori de Ma-Tante-la-Veuve)

Marie-Rose (nièce et chouette de Ma-Tante-la-Veuve), fille de sa sœur, épouse du barbier

Jeanne-Mance, autre nièce

Octavie, Estherie, Agathe, Prudence, Odile (sœurs de Ma-Tante-la-Veuve)

Régine, Léonie (demi-sœurs)

Peigne : « Peigne était le commissionnaire, l’homme-engagé, le cireur de bottes, le souffre-douleur et le meilleur ami de toute la jeunesse dorée du Pont. (...) ... il était muet » (p.93). « Peigne était un Trou-Jaune, de cette famille de Trou-Jaune sortir des prés d’en haut une génération après l’implantation des Mercenaire aux Cordes-de-Bois » (p.97).

Tit-Louis (« qui passait les maisons pour vendre ses tableaux », p.98) « Parce que Tit-Louis était un artiste, un artiste comme le pays en faisait à l’époque, (...) (p.98).

Edmond à Arcade

Nos trechos seguintes conseguimos compreender bem o papel de Ma-Tante-la-Veuve, aquela que comanda a vida dos moradores do Pont (uma boa parte da narrativa é constituída pelas disputas entre ela e as mulheres das Cordes-de-Bois):

« les nièces, ça ne veut plus rien dire au village du Pont, Ma-Tante-la-Veuve étant par consanguinité, par alliance, par adoption ou par autorité la tante de tout le monde qui porte le nom de Marie ou de Joseph sur son certificat de baptême. Les autres, c’est les Cordes-de-Bois. Au pays, si l’on n’est pas Mercenaire, on est neveu ou nièce de Ma-Tante-la-Veuve » (p.32-3).

« La première réaction sortit du ventre de Ma-Tante-la-Veuve qui cria à la paroisse:
– Le bedeau ara pus besoin d’aouindre son poêlon de bois franc, je baillera point mon dix cennes à la quête dimanche prochain » (p.26).

O terceiro e último grupo, finalmente, seria constituído por um estrangeiro (e seus descendentes) que se teria estabelecido em uma parte das terras do vilarejo:

Les MacFarlane (vendeurs de bois), établi au Pont
Frank MacFarlane (l’Écossais), établi sur la meilleure terre du Pont, surnommé
Tête-de-Cochon
Bob MacFarlane, le fils

Encontramos também os “raconteurs”, pessoas às quais recorre a narradora para nos contar os fatos ocorridos neste vilarejo das costas acadianas (principalmente nos anos 20 e 30 do século passado). São personagens ainda vivas e que também teriam vivido os fatos narrados (ou que teriam ouvido falar dos mesmos) no romance:

Pierre à Tom (« né entre la pointe et la dune, c’est-à-dire là où le pont projette le plus d’ombre à la barre du jour », p.19).
Ozite (descendante de Barbe), une centenaire
Bolicaille (« C’était des racontars à Bolicaille. Il fabriquait ses histoires à mesure, Bolicaille, tout le monde savait ça. » (p.66).
Le célèbre Charlie Boudreau qui allait devenir l’un des plus grands conteux-menteux-défricheteux-de-parenté de tout l’est du pays » (p.71).

Posto que a autora escolheu narrar a partir do que ela ouviu dos contadores orais e de buscar no passado, esta tarefa nem sempre é simples ou óbvia. Ela tem de recuar no tempo com o objetivo único de reconstruir uma história com fatos que nem sempre têm fontes plausíveis, mas que permanecem na memória de uma população inteira:

« Ce n’est pas toujours facile de reconstituer l’Histoire confiée aux seules oreilles d’une couple d’Ozite, trois ou quatre Pierre à Tom et une demi-douzaine de chroniqueurs oraux qu’au pays on appelle des conteux ou des défricheteux-de-parenté. Pourtant, sans eux, il serait encore plus difficile de dénicher l’origine des Cordes-de-Bois sous le fatras de soties et de légendes qui encombrant l’histoire du pays des côtes » (p.46-7).
“La suite me fut rapporté à la fois par la forge, Pierre à Tom, et exceptionnellement par la conteuse Ozite qui daignait s’arracher à ses souvenirs centenaires pour descendre cette fois jusqu’aux années 30 » (p.105)
« – Si personne en a parlé, comment on sait alors que la bataille a eu lieu ?
...Ça se voit que vous ne connaissez pas non plus le pays des côtes » (p.96).
« Mais ces discours sont sortis de la forge et faut se méfier de la forge » (p.100).

Por vezes vemos reforçada a existência da Acádia e de sua população, muito antigas, nas terras norte-americanas:

« Et Ozite éclata d’un grand rire qu’on aurait dit national, tant il était vénérable, un rire centenaire » (p.50).

E é voltando no tempo, na História, que a identidade acadiana pôde ser identificada, traçada, desenhada:

“Et les Mercenaire avaient la patience endurente, et tout leur temps. C’est ça qui

avait au fond sauvé les Cordes-de-Bois, et tous les gens du pays : le temps ! » (p.87).

A presença estrangeira (ligada sobretudo ao conquistador britânico) é marcada de forma negativa:

« surtout parce que si on tolérait qu'un étranger fasse des affaires au pays, c'était pour les affaires, par pour les idées. MacFarlane le comprit et n'essaya plus de mêler le diable à son commerce. Contre MacFarlane, on aurait même défendu la Piroune si les Cordes-de-Bois avaient été en cause » (p.27).

“D’ailleurs, pour ce qu’il reste de montagnes le long des côtes depuis que les Anglais ont tout pris” (p.16).

« Oui, Cogne en fut. Et Grand-Digue. Pas Rexton, mais non. Tout de même ! Si vous pensez que Rexton se rendrait au Pont en fête, entre les étoiles de mer et les surplis, pour entendre chanter Évangéline en français ! Non, ç’avait beau être le quai du MacFarlane, les fils des Loyalistes avaient l’honneur trop tendre et trop chatouilleux pour l’exposer aux sons de la bombarde ou de Malbrough-s’en-va-t-en-guerre. D’autant plus que Rexton avait un chenal de quarante pieds aussi, mais pas de pont-levis. (...)

Et Rexton resta chez lui chanter sur son harmonium ses *Oh Jesus my Shepherd...* » (p.69).

« Le pauvre Bob, hein ? Mais qui étaient venus les premiers s’établir le long des côtes, en douceur, et sans vouloir de mal à personne, au moins deux siècles avant ces étrangers qui au jour d’aujourd’hui raflaient tout, les terres, le bois, l’argent, et jusqu’à l’honneur des enfants du pays ? (p.92).

Do mesmo modo outros estrangeiros, além dos Britânicos, não são bem vistos nem bem aceitos:

« Pierre à Tom et la forge connaissent les noms de tous ceux qui sentent couler dans leurs veines une goutte ou deux de sang étranger. » (p.55)

« La picote qu’on vous apporte des vieux pays jusqu’à votre devant-de-porte. On n’avait pas assez de leurs mauvaises mœurs, à ces étrangers-là, et de leurs mauvais livres et de leur baragouin à n’y rien comprendre, la picote asteur ! » (p.56).

Assim, o elemento estrangeiro é recusado, negado, sejam eles anglófonos, ameríndios ou marinheiros europeus de todas as origens (ainda que os Acadianos tenham consciência de sua herança não totalmente neutra ou pura):

“On a beau aussi recenser tout son monde une fois l’an, il restera toujours dans les plis d’une demi-génération une couple de petits blonds nés de père inconnu” (p.15).

« Y avait pus d’étranges, c’te jour-là, ben rien que des gens des côtes, coume si tout le monde était devenu un petit brin sirène, ou pirate, ou loup de mer. » (p.73)

« C’est comme ça que nous avons hérité d’un peu de terre de France, d’Allemagne et de Hollande, au pays, en plus du reste » (p.55).

Encontramos uma única referência aos Ameríndios, os verdadeiros primeiros habitantes do país, que neste romance de Antonine se apresentam sob circunstâncias um pouco ambíguas, mescladas à magia e ao mistério:

“– L’ensorcelage! que s’écria la Veuve.

Et on en conclut que la Bessoune avait du sang indien.

Ozite a refusé tout commentaire sur le chapitre des sauvages. (...) Et à travers la

peau presque transparente de son front, je crus voir germer les branches de la généalogie des Mercenaire d'où elle était elle-même issue par la voie latérale. Y avait-il place pour un sauvage là-dedans ? peut-être du côté de la femme du deuxième Mercenaire, mère de la Piroune, qui avait convolé aux Cordes-de-Bois après un premier mariage dans le prés d'en haut. Mais ce premier mariage de sa grand-mère ne pouvait donner du sang de sauvage à la Bessoune, on est trop défricheteux-de-parenté au pays pour ne pas comprendre ça.

Même le clan du barbier dut s'incliner. Et on se rabattit sur le père inconnu de la bâtarde. Mais là, la forge s'insurgea. Le père de la Bessoune avait dû grimper dans les haubans, la nuit du carnaval. Et pas un bateau respectable venu accoster au quis de MacFarlane n'aurait ouvert ses haubans à un Micmac. Ce à quoi répondit Pierre à Tom que c'est plutôt les Indiens à l'époque qui refusaient de frayer avec les Blancs ; et Pierre à Tom là-dessus leur donnait raison.

– Ça, c'est parce que Pierre à Tom a du sang du sauvage lui-même, que risqua Thaddée à Louis.

Oh !...

Ça commençait à s'envenimer. J'ai senti qu'il valait mieux m'éloigner des sauvages et revenir à Bob. (...) » (p.108-9)

Estreitamente relacionado à presença estrangeira são as referências ao retorno dos Acadianos anos depois do “Grand Dérangement”:

« les Acadiens rentrés prématurément de Louisiane ou de Virginie » (p.18).

« distinguer le logis d'un conquis de celui d'un conquérant : aux nœuds des piquets et à l'équarrure des châssis » (p.18).

« habitait une terre transmise de père en fils depuis l'ancêtre revenu d'exil » (p.44).

Os Acadianos, como já dissemos, são de origem francesa, descendentes dos primeiros colonos franceses que se estabeleceram na América do Norte, ou no território do que conhecemos hoje como o Canadá. Assim, a língua é francesa e a religião é católica:

“Et puis un bateau était chose anathème depuis qu'il débarquait sur nos côtes des étrangers baragouinant une autre langue et ne se signant pas devant l'église” (p.36).

É sobretudo na língua e na religião que se afirma a identidade dos Acadianos. Elemento maior da integração acadiana, a língua francesa, em sua expressão local, mostra toda a sua riqueza e historicidade:

« reconnaître à leur voix les gens des côtes qui s'étendent entre la rivière Miramichi et celle de Petitcodiac. Ils ont tous dans la gorge de petites bulles qui font glouglou à la moindre apparition d'une diphtongue ou d'une double consonne. » (p.18 e continua, até p.19).

« Des mots que je n'avais pas entendus depuis un siècle ou deux, mais que mon aïeule, puis ma grand-mère, puis ma mère avait gardés au chaud dans leur ventre pour moi : hairage, usance, trétous, longi, amounêter... » (p.47).

« C'est un matelot étranger (...) en parlant tendrement à l'enfant qui n'entendait pas cette langue-là » (p.71).

« J'avais point compris son baragouinage, qu'il me dit » (p.72).

A narradora utiliza sempre o francês “standard” para nos contar os fatos, mas suas personagens falam na forma acadiana do francês (uma forma, evidentemente, modificada e proposta pela autora como sendo o francês acadiano). Eis um exemplo:

– Quand c’est qu’il a entendu le coup de fusil loin derrière lui, il a su, le Mercenaire, qu’il était sauvé; sus le coup les jarrets y avont ramolli, et i’ s’a écrasé. Ils avont rapporté que c’est là, la face dans le blé sauvage, qu’il a fait sarment de planter les piquets et de sa cabane et de s’établir. Les Mercenaire habitont le pays des Cordes-de-Bois depis ce temps-là.
J’ai longtemps cherché à savoir d’où pouvait venir le Mercenaire. On rapporte qu’il était grand et blond. (...) (p.23-4)

Um outro traço digno de nota nos romances de Antonine Maillet é a mulher, figura principal da maior parte de suas narrativas, que soube manter a tradição, a religião, os costumes, a esperança, a união. Uma das personagens mais importantes no romance vem das Cordes-de-Bois na pessoa da Piroune, perseguida por Ma-Tante-la-Veuve e que também tem problemas com os MacFarlane:

“et selon le reste du pays, la chicane entre l’Écossais et la Piroune” (p.31).
“Oui, c’était ce qu’on peut appeler des cannes fines. C’est pour ça qu’on l’avait surnommée la Piroune, synonyme de Dindoune, comme une oie est parente d’une dinde, des cannes fines, c’est ça, comme des pattes de dinde” (p.31-2).
« Personne ne connaîtrait jamais le père réel de la Bessoune ; ni son jumeau, si jumeau il y eut. » (p.75)
« Et puis la Bessoune allait tout juste sur ses quinze ans, peut-être seize ; c’était difficile à déchiffrer, un calendrier de Mercenaire.
– Pantoute, qu’affirma Pierre à Tom. On n’a qu’à compter à partir du pont levé. C’était juste. La naissance de la Bessoune était la plus datée de tout le pays. Conçue dans les haubans, un jour de carnaval, et portée avec un jumeau qui s’éclipsa pour la laisser venir au monde seule, la tête haute et une étoile au derrière, en plein midi, au sommet du printemps, elle marquée entre tous, la Bessoune des Mercenaire. (...) » (p.105)

Segundo nos informa a própria Antonine, na vida acadiana o lado feminino é que predominava, e aqueles anos de crise e de guerra tinham valores femininos que se faziam mais presentes. Desta forma, é uma boa parte da vida dela, do seu espaço-temporal, da sua história e da sua biografia, como também do seu temperamento, que faz com que suas personagens sejam preferencialmente femininas.

Para finalizar, podemos dizer que todos esses elementos reunidos – a língua, a religião, a tradição, a paisagem, as personagens – ajudam-nos a ter uma idéia bem precisa da identidade do povo acadiano, que Antonine Maillet tenta (re)construir de forma exemplar.

Acádia, pátria sem fronteiras

À luz das teorias e discussões acerca da “identidade” nos dias de hoje, podemos dizer que a identidade acadiana tem dois momentos: um histórico, fixo, identificável, explícito, objetivo, marcado; outro atual, momentâneo, que se constrói a partir do primeiro. É mergulhando no passado que a identidade acadiana é identificada, montada, enquadrada, delineada. É na História que se vai buscar as raízes da existência de um povo que se chama “acadiano” e é nela que Antonine Maillet mergulha para retrazar a origem dessa comunidade à qual pertence. Essa identidade existirá enquanto existirem indivíduos que com ela se identifiquem, mas os Acadianos encontram-se por aí, não apenas no Canadá, nas províncias atlânticas ou Marítimas, porém também espalhados por várias partes do mundo, nos Estados Unidos, sobretudo na Louisiana, no Caribe, até nas Ilhas Malvinas identificando-se, irmanando-se, solidarizando-se.

Antonine Maillet é uma cronista, uma contadora de histórias como suas personagens. Isso torna ao mesmo tempo concreta e nebulosa a verdadeira existência da Acádia: « Maillet construit

une œuvre qui s'appuie largement sur sa propre enfance et sur les souvenirs qui s'y rattachent. Mais c'est aussi une œuvre qui, tout en célébrant la tradition orale de son peuple, touche aux thèmes de la vieillesse, de l'exil et de la recherche des origines ».³ Talvez seja o fato de não existir como país (como a província do Quebec) que torne mais fácil a existência da Acádia, sem fronteiras estabelecidas. Muitos acadianos consideram a terrível deportação dos anos 1755 a 1763 como o fator último de sua ligação a uma comunidade, a tal ponto que eles quiseram por muito tempo ver no exílio a representatividade intrínseca de sua identidade, e que para alguns acadianos se situa mesmo em qualquer lugar em que se encontre um acadiano.

Se as identidades encontram-se em crise no momento presente, as obras de Maillet, ao mostrarem a existência de um determinado grupo de pessoas – que com todos os seus problemas passados e presentes conseguiu sobreviver no espaço e no tempo – convidam-nos a uma reflexão sobre a situação de uma Acádia, pátria e nação sem fronteiras definidas, que existe mais no imaginário das pessoas do que territorialmente falando. Mais que representar a Acádia, o texto literário acaba servindo de modelo para se pensar nos conceitos de nação, pátria, país, e, conseqüentemente, das identidades a eles atreladas.

Referências Bibliográficas

- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. 1ª reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- FERRO, Marc. *História das colonizações: das conquistas às independências, séculos XIII a XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MAILLET, Antonine. *Les cordes-de-bois*. Montreal: Bibliothèque Québécoise, 1994.
- _____. *Mariaagélas*. Montreal: Bibliothèque Québécoise, 2000.
- TODOROV, Tzvetan. *O medo dos bárbaros: Para além do choque das civilizações*. 1.ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

³ ROYER, André. *La mémoire des origines*. Disponível em: <http://www.contacttv.net/i_dossier_recherche_contenu.php?id_rubrique=696&id_article=3083>. Acesso em: 29 jun. 2014.